

**CINE-CULTURA NA MEDICINA VETERINÁRIA: HUMANIZAÇÃO E  
INTERDISCIPLINARIDADE ATRAVÉS DA ARTE**

Luciana Del Rio P Ciarlini, Paulo Cesar Ciarlini

Eixo 2 - Projetos e práticas de formação continuada  
- Relato de Experiência - Apresentação Pôster

Partindo da premissa de que o cinema, enquanto criação histórico-social, pode promover o desenvolvimento humano, principalmente de alunos e professores de qualquer um dos níveis de ensino, desenvolve-se desde o ano de 2008, o trabalho cine-cultura na FMVA, visando colaborar na formação omnilateral do aluno da graduação, valorizando a área de humanidades e possibilitando reflexões sobre temas universais, além de promover a integração da comunidade acadêmica nas diferentes áreas de atuação, estimulando a reflexão e visão crítica do mundo. O objetivo geral do trabalho se pauta em implantar e promover atividades artístico-culturais nos espaços da universidade; e como objetivos específicos: sensibilizar alunos e professores sobre a importância de se estabelecer relações interdisciplinares com as diferentes áreas do conhecimento/das ciências; integrar a comunidade acadêmica; ampliar os subsídios teórico-metodológicos a serem aplicados nas diferentes áreas/disciplinas da FMVA e assim contribuir para uma prática interdisciplinar; possibilitando o debate de diversos assuntos; auxiliar na educação formal fazendo com que os conhecimentos adquiridos ajam de modo mais positivo em etapas posteriores do processo de significação. Nos 5 anos de desenvolvimento do trabalho, tivemos a presença efetiva de 1190 participantes, sendo a maioria constituída de alunos da graduação do curso de Medicina Veterinária da UNESP- Campus de Araçatuba, com 82 filmes exibidos e debatidos. Os resultados finais, que julgamos em processo, se relacionam ao desenvolvimento humano dos sujeitos que participam do trabalho. Isso, porque, percebemos melhoras nas relações humanas, principalmente, entre alunos e professores. Palavras-chave: medicina veterinária, arte, humanização

## **CINE-CULTURA NA MEDICINA VETERINÁRIA: HUMANIZAÇÃO E INTERDISCIPLINARIDADE ATRAVÉS DA ARTE**

Luciana Del Rio P. Ciarlini; Paulo Cesar Ciarlini. Faculdade de Medicina Veterinária –  
UNESP – Campus de Araçatuba

As inúmeras formas de manifestação artístico-cultural correspondem a uma relação do ser humano com a realidade vivida. O uso combinado dessas expressões e manifestações (seja da música, do teatro, da dança, do artesanato, do cinema, das artes plásticas, etc.) nos permite vislumbrar o surgimento de uma nova forma de percepção de mundo. Ao se conhecer a cultura de um País, de uma comunidade muitas relações podem ser estabelecidas entre nossa área de formação (pessoal, profissional, acadêmica) e as várias formas de linguagens artísticas desenvolvidas social e historicamente pela humanidade. Dentre essas linguagens, temos o **Cinema** que, grosso modo, é a arte de contar histórias e sensibilizar os seres humanos através do uso de imagens, de sons. E como produto artístico, o enredo de um filme não tem a obrigação de ser real, pois o mesmo trabalha com o imaginário, com o subjetivo.

O cinema, enquanto criação histórico-social, poderia promover o desenvolvimento humano, principalmente de alunos e professores de qualquer um dos níveis de ensino?

A partir da teoria histórico-cultural, desenvolvida por Vigotski e seus colaboradores como alicerce para responder a essa questão, entende-se que sim. Pois, o cinema é um meio de desenvolvimento humano-genérico.

Para a teoria histórico-cultural, a linguagem (oral, escrita, pictórica, corporal, etc.) deve possibilitar ao Homem o seu desenvolvimento a partir das relações que o mesmo vier a estabelecer através da apropriação de todos os objetos materiais e simbólicos, em suas interações também com os outros seres humanos. E, assim, poder descobrir-se e reencontrar-se com o mundo, com a totalidade social e histórica de que faça parte e da qual a humanidade produziu ao longo de gerações e gerações. Nesse movimento dialético, o Homem expressa-se, torna-se sujeito ativo em seu processo de conhecer o mundo real; por isso que se entende que todos os tipos e formas de linguagens artísticas possibilitam as inúmeras relações sociais construídas pelos seres humanos ao longo de sua existência. Ou seja, um todo que apresenta coerência com a vida vivida e que deve ser expresso das mais variadas formas, consolidando-se em uma aprendizagem promotora de desenvolvimento tanto individual quanto coletivo.

Vista pela perspectiva da teoria histórico-cultural, toda ação educativa deveria ter como ponto de partida a realidade e necessidades de alunos e professores, no sentido dos mesmos a compreenderem na sua raiz (profundidade), conscientizando-se e, nesse processo coletivo, se reconhecerem, se analisarem e expressarem a realidade vivida para superarem limitações individuais / coletivas e, também, para transformarem a práxis pedagógica e social.

Um dos mais notáveis educadores brasileiros, o professor Paulo Freire, afirmou inúmeras vezes da importância de alunos e professores aprender a ler o mundo e não somente às palavras escritas em livros, jornais, etc. Paulo Freire sempre defendeu a leitura da realidade como a possibilidade do educando aprender a palavra vinculada ao seu mundo, para que no processo de formação acadêmica pudesse ler / entender a realidade de forma crítica, não ingênua e, assim, poder se tornar um cidadão crítico-participativo.

Trazemos esse referencial teórico-metodológico por acreditarmos que o mesmo possibilita analisar, de modo articulado e em totalidade, tanto o processo de aprendizagem do aluno quanto o processo de formação de professores e demais agentes da prática educativa. Isso porque, é com frequência que vemos há algum tempo que a análise da prática pedagógica tem se baseado em uma dicotomia na qual se separam os processos de aprendizagens do aluno dos processos de aprendizagens e de formação contínua do professor. Nesse sentido, a perspectiva da teoria histórico-cultural se configura como uma possibilidade de contribuição nesta tarefa, qual seja, de compreender a aprendizagem do aluno como um processo ativo, sem com isso secundarizar a ação mediadora do professor nessa atividade, assim como a sua própria formação profissional em serviço.

Compreende-se que uma educação que se compromete com a qualidade e com a emancipação ético-acadêmica de alunos e professores seja essencial na concretização das transformações sociais de geração em geração. Ou seja, o professor e a universidade criam as possibilidades para a transformação do aluno que, possivelmente, transformará a sociedade. Isso porque, conforme o professor Dermeval Saviani (2000, p.17), o trabalho educativo “[...] é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens”. Em resumo, a universidade deve ser um organismo de socialização dos bens culturais (das várias ciências, da arte, da ética, da política, da estética, etc.) produzidos pela humanidade.

Com base nestas ideias, vimos neste trabalho apresentar o “**CINE-CULTURA NA FMVA**” que é realizado na Faculdade de Medicina Veterinária – UNESP, câmpus de Araçatuba, desde o ano de 2008 e que pretende colaborar na formação omnilateral do aluno da graduação, valorizando a área de humanidades e possibilitando reflexões sobre temas universais como valores, ética, solidariedade entre outros além de possibilitar a integração da comunidade acadêmica nas diferentes áreas de atuação estimulando a reflexão e visão crítica do mundo.

O objetivo geral do “Cine-cultura na FMVA” se pauta em: implantar e promover atividades artístico-culturais dentro dos espaços da universidade; tem como objetivos específicos: sensibilizar alunos e professores sobre a importância de se estabelecer relações interdisciplinares com as diferentes áreas do conhecimento/das ciências;

integrar alunos, professores e funcionários da FMVA através da cultura geral produzida pela humanidade;

difundir e exibir filmes selecionados coletivamente, estimulando a capacidade de análise crítica dos participantes;

ampliar os subsídios teórico-metodológicos a serem aplicados nas diferentes áreas/disciplinas dos cursos da FMVA e assim contribuir para uma prática interdisciplinar;

possibilitar o debate de diversos assuntos nos campos educacionais, políticos, ambientais, éticos, raciais, culturais e artísticos;

auxiliar na educação formal fazendo com que os conhecimentos adquiridos ajam de modo mais positivo em etapas posteriores do processo de significação, fazendo com que a construção do discurso do que se viu e a internalização do que foi vivenciado.

A metodologia utilizada consiste na exibição de filmes pré-selecionados, quinzenalmente, durante o período letivo, e posterior discussão referente à temática abordada no filme. Os filmes são selecionados no sentido de mobilizar o interesse dos participantes, de provocar uma reação emocional, sem ser banal, considerando que “[...] dos mais comerciais e descomprometidos aos mais sofisticados e ‘difíceis’, os filmes têm sempre alguma possibilidade para o trabalho escolar”. (Napolitano, 2003, p.12). As questões sociais, existenciais e éticas são relacionadas aos valores da sociedade contemporânea articulando ainda os saberes apreendidos nas diferentes disciplinas do curso para garantir um ensino crítico, reflexivo e criativo que leve a construção do perfil almejado no projeto-político-pedagógico favorecendo a discussão

coletiva e socializando o conhecimento produzido. Neste sentido, Matos et al. 2009, ressaltam que a seleção dos filmes tem que ser realizada de modo que esteja relacionada ao conteúdo que será discutido e este em consonância com o planejamento do professor.

Ao longo dos cinco anos de desenvolvimento do Projeto, tivemos a presença efetiva de 1190 participantes, sendo a grande maioria constituída de alunos da graduação e pós-graduação seguidos de professores e funcionários técnico-administrativos dos cursos de Medicina Veterinária e Odontologia da UNESP- Campus de Araçatuba, com 82 filmes exibidos e debatidos. Os resultados finais, que julgamos em processo, se relacionam ao desenvolvimento humano dos sujeitos que participam do Projeto, da seleção, organização e exibição dos filmes. Isso porque, percebemos melhoras nas relações humanas, principalmente, entre alunos e professores. De acordo com BONADIES (2009), é bom lembrar o que Nietzsche disse: “Educar os educadores! Mas os primeiros devem começar. Por se educar a si próprios...” Ao sermos críticos podemos aguçar a criticidade dos educandos. Neste contexto, privilegiam-se as capacidades de crítica, de motivação, de pesquisa e de argumentação, aguçando ambas as partes envolvidas no processo. O cinema é a arte da vida e talvez possamos, por meio dele, formar uma nova visão educativa, na qual os tradicionais e os modernos métodos de ensinar possam fundir-se em novas possibilidades de aprendizagem. Ler para compreender, compreender para entender, entender para atuar e atuar para mudar - se considerarmos a ótica protagonista. A relação do jovem com esse universo midiático de imagens em movimento o insere em um novo currículo. Um currículo no qual os bens culturais e os conhecimentos produzidos pela humanidade são aprendidos e apreendidos interdisciplinarmente. Algo que demanda uma interação que somente a escola poderá oferecer.

Downie *et al* (1997) afirmam que os objetivos desta natureza não se medem tanto pelos resultados finais como pela capacidade de compreensão ampliada sobre o ser humano que o processo lhes traz, incluído o que se denomina resultados latentes. Este processo educacional através das humanidades se assemelha a uma viagem: importa mais o que se aprende durante o tempo que leva do que propriamente o destino. Um processo que atenta mais para uma educação real, e não para o simples treino.

Blasco et al 2005 partiram da premissa de que as emoções devem ser contempladas no processo educacional, sendo insensatez ignorá-las. Neste ponto, os comentários dos estudiosos em antropologia, amparados nos ensinamentos dos

clássicos, nos mostram que não basta contemplar as emoções, mas que é preciso utilizá-las, dar vazão a elas, para que deste modo possam ir se colocando no seu lugar. Permitir no espaço acadêmico o fluir das emoções – através da discussão, de partilhar os sentimentos – abre caminhos pra uma verdadeira reconstrução da afetividade.

Ferrés (2000) descreve as características da cultura do estudante – também do universitário – nos dias de hoje e ressalta que compreender a cultura e o universo onde o estudante está inserido é condição prévia necessária ao sucesso de qualquer projeto educacional.

Neste contexto deve-se considerar o perfil da geração Z que chega aos cursos superiores, jovens que nunca imaginaram o mundo sem telefone celular, internet computador e outras tecnologias digitais que foram concebidos na velocidade dos avanços tecnológicos e inseridos num contexto cultural onde predomina o fragmentário, o rápido, o sensorial onde por um lado a vida virtual é fácil e bem desenvolvida e por outro a vida real é prejudicada pelo não desenvolvimento de habilidades, particularmente no que se refere a relacionamentos interpessoais.

De acordo com Blasco (2010) a utilização do cinema como recurso educacional na escola médica, faz com que o aluno seja educado no exercício de pensar e não em aprender regras de conduta, fazendo-o refletir, sendo as cenas dos filmes, verdadeiros questionadores.

Neste sentido as palavras de Julián Marías 1992 vem complementar a função educadora do cinema no século 20:

“O cinema nos descobre os recantos do mundo. Por meio dele reparamos nos detalhes. O cinema nos faz sair da abstração em que o homem culto costumava viver. (...) Apresenta a vida no seu concreto. O amor deixa de ser uma palavra e se torna visível em olhos, gestos, vozes, beijos. O cansaço é a figura, precisa de uma criança dormindo num canto, a figura deitada na cama, a maneira como se deixam cair os braços quando os vence a fadiga ou o desânimo. Aprendemos, com o cinema, a ver os homens e as mulheres nas suas posturas reais, nos seus gestos, vivos, não posando para um quadro de história ou um retrato. Sabemos como é distinto comer, sentar-se, dar uma bofetada, cravar um punhal, e abraçar, e ir embora depois que se obteve uma negação um pedido. (...) Quando

falamos da pena de morte, não queremos dizer um artigo do código, quatro linhas de prosa administrativa, mas as costas de um homem contra o paredón, os eletrodos que buscam a pele nua, uma corda que aperta o pescoço, o mesmo que outras vezes foi objeto de carícias ou levou um colar de pérolas. A guerra não é uma retórica ou notícia: é lama, insônia, riso, alegria de uma carta, euforia da comida, uma mão que nunca voltará, a explosão que se anuncia como a evidência do irremediável. Tudo isto e muito mais viu e ouviu o homem do nosso século pela primeira vez na história. O que quer dizer que o seu mundo e sua vida, graças ao cinema, são inteiramente distintos do que sempre foram, e isto é justamente o que quer dizer educação.”

De acordo com Belloni (2001) o cinema pode ser inserido no contexto pedagógico da mídia-educação, representada pelas Técnicas de Informação e Comunicação (TIC), consistindo em uma moderna tecnologia de ensino e aprendizagem. Ratificando essa informação, Almeida (2001) afirma que ao adotar o cinema como recurso pedagógico, o aparelho formador incentiva a formação cultural do discente, estimulando a interdisciplinaridade na construção do conhecimento ao permitir uma ligação entre os diferentes aspectos socioeconômicos-culturais em torno dos quais a sociedade se estrutura.

Nesse contexto Napolitano (2003) afirma que é possível dizer que trabalhar com o cinema como recurso em sala de aula é propiciar à escola o reencontro com a cultura cotidiana e elevada do mesmo tempo, ou seja, o cinema é a área na qual a estética, o lazer, a ideologia e os valores sociais mais abrangentes são compostos numa só obra de arte.

Acredita-se que conforme Blasco et al 2005 os benefícios educativos da linguagem cinematográfica como meio de comunicação ultrapassam o espaço curricular acadêmico e se prolongam no aprendizado do cotidiano. As vivências com o cinema, que proporcionam ao estudante um meio de comunicação rápido e acorde com seu contexto cultural, fazem com que a reflexão se prolongue além do espaço dedicado às discussões. Deste modo, as vivências cinematográficas criam no aluno uma atitude reflexiva que, por estar ancorada num idioma de fácil recordação, atrelado a situações concretas e perpassado de atitudes perante a vida, o faz continuar no processo de reflexão durante o seu cotidiano. Assim, a história de vida, a frase de impacto, a situação vivenciada, voltam à tona fora do espaço convencional de educação – fora da sala de aula ou da discussão programada – e incitam o aluno a

continuar pensando, refletindo, numa permanência que é inquietude por aprender. É o que os alunos intitulam textualmente como “detonadores”, isto é, provocadores de reflexão.

Finalizando-se, compreende-se que uma educação que se compromete com a qualidade e com a emancipação éticoacadêmica de alunos e professores seja essencial na concretização das transformações sociais de geração em geração. Ou seja, o professor e a universidade criam as possibilidades para a transformação do aluno que, possivelmente, transformará a sociedade. Em resumo, a universidade deve ser um organismo de socialização dos bens culturais (das várias ciências, da arte, da ética, da política, da estética, etc.) produzidos pela humanidade.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALMEIDA, MJ **Imagens e sons: a nova cultura oral**. São Paulo: Cortez; 2001.

BELLONI, ML. **O que é mídia: educação**. São Paulo: Autores associados; 2001.

BLASCO, P.G., GALLIAN, D.M.C., RONCOLETTA, A.F.T.; MORETO, G. Cinema para o estudante de medicina: um recurso afetivo/efetivo na educação humanística. *Revista Brasileira de Formação médica*, v.29, n2, 2005.

BLASCO, P.G. É possível humanizar a medicina? Reflexões a propósito do uso do cinema na educação médica. *O mundo da saúde*, São Paulo: 2010; 34 (3): 357-367.

DOWNIE RS; HENDRY RA; MACNAUGHTON RJ; SMITH BH. The humanizing medicine: a special study module. *Med Educ* 1997, 4:276-280.

BONADIES,G. In: Caderno de cinema do professor: três/Secretária da Educação, Fundação para o Desenvolvimento da Educação; organização, Devanil Tozzi, Eva Margareth Dantas, Marilena Bocalini. – São Paulo: FDE, p.57, 2009.

FERRÉS, JOAN. **Vídeo e educação**. 2 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro, 2002.

\_\_\_\_. **Ética, utopia e educação**. Petrópolis: Vozes, 1999.

\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários á prática educacional**. São Paulo: Cortez, 1996.

MATOS, D.I.; PRINCIVAL, V.C.; LIRA, A C.M. Cinema & Educação: uma análise acerca de experiências da utilização do cinema como recurso de ensino. In; IX congresso nacional de educação \_EDUCERE III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia, 26 a 29 de outubro de 2009, PUCPR

NAPOLITANO, M. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2003.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. Campinas: Autores Associados. 2000.

MATOS, D.I.; PRINCIVAL, V.C.; LIRA, A C.M. Cinema & Educação: uma análise acerca de experiências da utilização do cinema como recurso de ensino. In: IX congresso nacional de educação \_EDUCERE III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia, 26 a 29 de outubro de 2009, PUCPR.